



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

MÁFIA OU CACHOEIRA

Marcos Roberto Inhauser

Há no Brasil a jabuticaba, que dizem só existir na *terra brasilis*, há os produtos jabuticaba (aqueles que a gente só encontra nesta terra, como, por exemplo, as novas tomadas elétricas), há as jabuticabas enxertadas, que são jabuticaba com inspiração estrangeira.

O caso Cachoeira parece ser desta última geração. À medida que os dados vêm à luz, percebe-se que a coisa é maior do que qualquer cidadão brasileiro pudesse imaginar. Creio mesmo que até os que estiveram envolvidos nas investigações se assustaram com os tentáculos desta hidra brasileira (animal mitológico de muitas cabeças, que renasciam em maior número à medida que se cortava uma delas). Desta hidra sabemos pouco, pois acredito que muito mais há para ser revelado e descoberto.

O que até agora se sabe levanta a questão: é um caso de corrupção ou um modelo mafioso que se instalou no governo de Goiás e de lá lançou tentáculos a outras partes?

Note-se que define a máfia como organização criminosa que tem suas atividades submetidas a uma direção oculta e que se infiltra na sociedade civil e instituições, com o objetivo de ter e vender facilidades. Dedicam-se às coisas ilícitas, seja no jogo, no tráfico, na corrupção, na venda de armas, etc. Para tanto arregimentam funcionários públicos e policiais para facilitar ou fazer vistas grossas às suas atividades. Sabe-se de políticos que tiveram suas campanhas financiadas, que foram eleitos e trabalharam fazendo lobby e defendendo os interesses dos financiadores.

A máfia não tinha escrúpulos em “ajuizar” os infiéis ou inimigos. As execuções sumárias de delatores, apóstatas e inimigos se tornaram prosaicas e renderam alguns filmes de boa bilheteria.

No caso tupiniquim, a coisa, ainda que pareça jabuticaba, está com tempero mafioso. Policiais civis, militares e federais que recebiam um mensalão para lubrificar os negócios ilegais dos caça-níqueis. Funcionários públicos locupletados para direcionar licitações. Prefeitos, vereadores, senadores e quiçá até governador que receberam financiamento para suas campanhas e que trabalharam como lobistas do empresário boa pinta, que, na fachada, era dono de uma empresa farmacêutica.

Acrescente-se a isto o laranjal que era utilizado para fazer os pagamentos espúrios, a compra sub ou superfaturada de uma mansão até agora não esclarecida devidamente, os quinze milhões de pagamento para que o ex-ministro da Justiça seja o advogado defensor, a chantagem feita em cadeia nacional de televisão dizendo que o marido não é bandido e que vai contar o que sabe, fazem desta Cachoeira algo, que para mim, está mais para a máfia que qualquer outro escândalo.

Não bastasse o enredo descrito, tem-se a morte do policial Tapajós, que participou nas investigações, o delegado Hylo Marques está sumido (que era informante do grupo mafioso) e um escrivão que trabalhou nas investigações foi encontrado morto em casa. Era Fernando Sturi Lima, 34 anos, teria se “suicidado” com um tiro na cabeça.

Ainda vai rolar água desta Cachoeira!